



Família Dehoniana

#01
Mar2016

Órgão informativo e de contato da Família Dehoniana em Portugal

CARTA DO COORDENADOR NACIONAL

Caros Membros da Família Dehoniana em Portugal,

A Carta Constitutiva da nossa Família, no seu nº 52, prevê a publicação de um Boletim “com a finalidade de promover a reflexão, estabelecer a ligação entre o que cada grupo vive e realiza e tornar possível a concretização de iniciativas comuns a nível nacional”. Os atuais meios de comunicação social, nomeadamente a *internet*, possibilitam a concretização desses objetivos de modo menos trabalhoso e mais barato. Assim, no Conselho Nacional realizado em Coimbra, no dia 6 de Janeiro deste ano, ficou decidido que seria criada uma *newsletter* com a periodicidade possível, desejavelmente uma vez por mês. Com a colaboração de alguns membros da Família, nomeadamente do P. Zeferino Policarpo, na informática, sai o primeiro número.

A *newsletter* porá à disposição dos membros da Família Dehoniana conteúdos que poderão servir para um momento de reflexão e oração pessoal e/ou em grupo. Será também um meio que pode ajudar à formação de todos. Além disto, possibilitará a partilha de programas, iniciativas e notícias. Estará atenta a acontecimentos e efemérides, como o 50º aniversário da criação da Província Portuguesa dos SCJ-Dehonianos, a decorrer entre 27 de Dezembro de 2015 e 27 de Dezembro de 2016. Pouco a pouco, irá apresentando as diversas componentes da Família e das suas figuras mais significativas. Peço a todos que me façam chegar os mails dos membros dos vossos grupos e pessoas que, de algum modo, já estejam ligados a nós, mas também de outras pessoas interessadas em conhecer o P. Leão Dehon e a Família Dehoniana.

A publicação deste 1º número acontece nas vésperas de uma data importante para todos nós, o 173º aniversário do nascimento do nosso comum pai carismático, o Padre Leão Dehon. Que a sua intercessão junto de Deus nos ajude a manter e a desenvolver esta iniciativa, que, espero, irá robustecer o espírito de família entre nós e ajudar-nos a aprofundar e a viver cada vez mais intensamente a espiritualidade e a missão que nos legou.

Coimbra, 10 de Março de 2016

P. Fernando Fonseca, SCJ
Coordenador Nacional



LEÃO DEHON RECORDA O SEU NASCIMENTO E BATISMO



Nasci no dia 14 de Março de 1843. Era a terça-feira da segunda semana da Quaresma, pois a Páscoa caía nesse ano a 14 de Abril. O dia 14 de Março é a festa de S. Matilde, rainha da Alemanha.

Fui batizado a 24 de Março, na pobre igreja de La Capelle, pelo digno e venerável P. Hécart, que devia continuar ainda a ser seu pároco por mais doze anos e que me preparou para a primeira comunhão.

No dia 24 de Março festejava-se o menino mártir, S. Simeão. Mas, mais importante, celebravam-se as primeiras vésperas da festa da Anunciação. Mais tarde, senti-me feliz em unir a recordação do meu batismo à do *Ecce Venio* de Nosso Senhor. Esta aproximação deu-me uma grande confiança. O *Ecce Venio* do Coração de Jesus protegeu e abençoou a minha entrada / (1^o) na vida cristã. O Senhor não ficará ofendido por eu ver nisso uma atenção da sua Providência em vista da minha vocação atual de Sacerdote-Hóstia do Coração de Jesus.

Eu tive sempre veneração pela lembrança do meu Batismo. No colégio gostava de renovar as promessas batismais. Em Roma caiu-me nas mãos o belo livro de Exercícios de Santa Gertrudes e fez-me um grande bem. Gostava de me servir dele para renovar em mim as graças do meu batismo. Em cada uma das minhas férias, ia fazer uma devota peregrinação às fontes sagradas do meu batismo, e senti um aperto de coração quando a velha pia foi enterrada num altar, e depois desapareceu completamente (NHV - Memórias, I caderno, pp. 1 e 2).

Em 1925, no seu último aniversário, o Padre Dehon escreve:

“Eis-me chegado aos 82 anos. Quantas intervenções da minha boa mãe do céu e do meu bom Anjo não foram precisas para que tivesse evitado, durante tanto tempo, todos os perigos, todos os percalços e todas as doenças que ameaçam a vida humana! Obrigado, divina Mãe; obrigado, meu bom Anjo... Que fiz destes 82 anos? Não grande coisa de bom. Multiplico as minhas reparações, renovo o meu arrependimento e, não obstante tudo, confio na misericórdia do Salvador.... Viajei muito, talvez com certo exagero, mas sempre com a intenção de me instruir, de aumentar os meus conhecimentos estéticos, geográficos, históricos e de consolidar a minha fé ao constatar a loucura das superstições pagãs...” (NQT 45/59).

CARTA DO SUPERIOR GERAL SCJ - DEHONIANOS

14 DE MARÇO, ANIVERSÁRIO DO NASCIMENTO DO PADRE LEÃO DEHON

Prot. N. 0000/2016
Roma, 1 de março de 2016

*Aos membros da Congregação,
A todos os membros da Família Dehoniana*

Caríssimos irmãos e irmãs da Família Dehoniana,

Conforme ficou decidido no programa do Governo geral, nos próximos anos, por ocasião do aniversário do nascimento do Padre Dehon, vamos tratar das obras de misericórdia espirituais. “Sofrer com paciência as fraquezas do nosso próximo”, é o tema espiritual desta primeira carta. Na nossa vida, pode ser muito curativo um novo e profundo olhar de ternura e de misericórdia sobre cada pessoa. Saber reconhecer o bem que cada pessoa oferece, elogiar, apreciar, valorizar, gera fidelidade e estimula positivamente a uma ação capaz de criar confiança.

O Padre Dehon nas suas *Souvenirs*, foi claro: “Suplico-vos, como fazia S. João: Não haja divisões entre vós. Ultrapassemos tudo, para permanecer unidos. Soframos com paciência as ofensas e os atritos. Amemos todas as nações. No céu já não haverá nações” (LCC 8090139/63; a tradução italiana foi tirada de Leone G. DEHON (1954): *Lettere circolari*, Bologna: Editrice Dehoniana, n. 406.). Corria o ano de 1912 e ainda não tinha deflagrado a Grande Guerra (1914-1918) entre as potências europeias de então, que já não se suportavam. E eis o apelo, um caminho de vida e de futuro apenas esboçado e acolhido no grande cenário do mundo. Mas o fermento permanece, o projeto continua, o desafio repete-se.

1. O Jubileu da misericórdia

O Jubileu recorda-nos que a misericórdia é uma bem-aventurança evangélica (Mt 5,7) que nasce da *charitas* divina. A encarnação do Filho manifesta a oferta ativa de Deus, que na paixão do Senhor se tornará também dom paciente. O Padre Dehon, com linguagem para nós clássica, sintetizou este estilo de ação lembrando: “o abandono de nós mesmos em espírito de vítima



Por ocasião do aniversário do nascimento do Padre Dehon, vamos tratar das obras de misericórdia espirituais. “Sofrer com paciência as fraquezas do nosso próximo”, é o tema espiritual desta primeira carta. Na nossa vida, pode ser muito curativo um novo e profundo olhar de ternura e de misericórdia sobre cada pessoa.

ao Coração de Jesus, para sofrer com paciência e também com alegria as cruzes que a divina providência nos há de enviar” (No DSP 476 pode ver-se a versão original; a tradução italiana foi tirada de Leone DEHON (1983): *Direttorio Spirituale dei Sacerdoti del Sacro Cuore*, Milano: Curia provinciale SCJ, n. 277). Deus, no seu Filho, solidarizou-se conosco, fez da sua riqueza e diferença o fundamento para chegar à nossa pobreza e transformá-la (cf.. 2Cor 8,9; Fil 2,5-11). Depois deste seu primeiro movimento, Deus espera o nosso: na nossa resposta de amor a misericórdia ganha força e vigor.

O Senhor Jesus é a forma divina para superar carências, a ocasião para aproximar distâncias, o trigo de comunhão que transcende e integra oposições. Assim, acreditar e contemplar a Deus incarnado significa tornar o próximo algo de nós mesmos: *ut unum sint sicut nos unum sumus*”, diz Jo 17,22; “Deus tem compaixão de nós, porque nos ama e nos ama como parte de Si mesmo”, dirá Santo Tomás de Aquino (A citação evangélica está em latim para evidenciar a presença do *Sint unum*; a de Santo Tomás, encontra-se em STh II-II, q. 30, a. 2, ad 1 e diz: “Ad primum ergo dicendum quod Deus non miseretur nisi propter amorem, in quantum amat nos tamquam aliquid sui”). Assim, o outro torna-se centro e é-nos mostrado que o fundamento do ser é a relação, a aceitação da diferença, o apoio, a atenção ao outro numa decidida existência em seu favor. Este modo de existir liberta-nos da solidão e do mutismo de morte que vêm do egoísmo e da falta de amor. A virtude da misericórdia pratica-se percorrendo um caminho:

- brota dos nossos sentimentos, talvez como ressonância dolorosa e triste que nos atinge o coração, quando sentimos o sofrimento do outro;
- torna-se depois virtude, quando somos bondade que se inclina sobre a miséria;- evolui, porque não é a situação que nos faz inclinar, mas a pessoa!
- torna-se obra perfeita, forma bela, quando se torna concretização de amor ao próximo.

A misericórdia é portanto uma modalidade, uma manifestação do nosso amor fraterno: é verdadeiro e adequado caminho para o seguimento do Senhor! (cf. Cst 29 e 43). Caminhamos, é certo, entre sentimentos e virtudes, mas sobretudo ‘em companhia’. De qualquer modo, há o “sentimento de Caim”, aquele que “todo cheio e dobrado sobre si mesmo, nada sente por ninguém” (As palavras do bispo intelectual e escritor Jacques Benigne Bossuet (1627-1704), muito lido pelo

O Senhor Jesus é a forma divina para superar carências, a ocasião para aproximar distâncias, o trigo de comunhão que transcende e integra oposições. Assim, acreditar e contemplar a Deus incarnado significa tornar o próximo algo de nós mesmos.

Padre dehon, são: “Plein et occupé de soi-même, on ne sent rien pour les autres, on ne leur témoigne que froideur et insensibilité” Bossuet (1841), “Pensées chrétiennes et morales” in *Oeuvres de Bossuet* IV, Paris: Firmin Didot Frères, 769); é a indiferença, a negação da fraternidade humana e evangélica que, perante a desgraça alheia, permanece cega, surda, muda... e imóvel, com o coração empedernido. O Padre Dehon explica: “É a dureza de coração que nasce do amor desregrado a nós mesmos, porque este amor naturalmente faz que sejamos sensíveis apenas aos nossos interesses, e que nada nos emocione senão o que nos diz respeito, que vejamos as ofensas a Deus sem chorar, e as misérias do próximo sem compaixão; e que não queiramos incomodar-nos para ajudar os outros, que não possamos suportar os defeitos, que nos aborreçamos com eles pelas mais pequenas razões, e que guardemos contra eles no coração sentimentos de azedume e de vingança, de ódio e de antipatia” (O original encontra-se in ASC 5/191. O texto italiano, L’anno con il Sacro Cuore, encontra-se no site Dehondocs International. Um outro texto interessante do Padre Dehon sobre este tema in VAM 542). Esta dureza de coração leva a julgar severamente o próximo e, pior ainda, a condená-lo sem piedade. Esta dureza, que não é estranha aos consagrados, degenera facilmente em aversão, que afasta, divide, nos fecha levando-nos a evitar encontrar quem quer que seja, nos leva a evitar a convivência,

a preferir o distanciamento..., se não a ir mais além e ceder à malevolência e ao ódio.

Perante estes desafios, “como poderíamos nós, efetivamente, compreender o amor que Cristo nos tem, senão amando como Ele em obras e em verdade?” (Cst 18). Uma atuação bela, inspirada por Deus, e capaz de salvar, exige espaço: uma misericórdia traduzida em obras, as obras de misericórdia.

2. Convite à redescoberta das obras de misericórdia corporais e espirituais

Neste tempo, o Papa Francisco dirige um forte convite à ‘redescoberta’ das obras de misericórdia corporais e espirituais. Faz esse convite baseando-se numa tripla intenção:

- “acordar a nossa consciência muitas vezes adormecida perante o drama da pobreza” (re-aprender a ‘ver’);
- “penetrar cada vez mais no coração do Evangelho, onde os pobres são os privilegiados

O Padre Dehon oferece-nos como exemplo claro S. Vicente de Paulo, cuja “caridade foi verdadeiramente universal e o seu coração foi amplamente aberto a todas as obras de misericórdia”.

A experiência de ser amado pelo Senhor faz nascer em nós o desejo de um serviço misericordioso à integralidade do ser humano. Re-descobrimos as obras de misericórdia corpo

pela misericórdia divina” (re-aprender a ‘discernir’);

- “compreender se vivemos ou não como discípulos” do Senhor (re-aprender a ‘agir’), porque “não podemos escapar às palavras do Senhor: e de acordo com elas seremos julgados” (Francisco, *Misericordiae Vultus*, 15.).

Assim, as obras de misericórdia são recuperadas pelo sucessor de Pedro como chaves da porta santa, da essência do Evangelho, do subir para Deus saindo ao encontro do próximo. A história da fé mostra-nos que o Evangelho só foi boa notícia para os pobres; e que o Espírito Santo é para os pobres (cf. Cst 52).

O impulso a “sair”, a saborear aquilo que não é nosso, é um fruto do acolhimento em nós do “instinto do Espírito Santo” (Expressão tomada de Santo Tomás, em *STh* 1-2, q. 68, a. 2, ad 2, onde o Doutor Angélico escreve: “Ad secundum dicendum quod per virtutes theologicas et morales non ita perficitur homo in ordine ad ultimum finem, quin semper indigeat moveri quodam superiori *instinctu spiritus sancti*, ratione iam dicta”; o cursivo é nosso).

Esta ‘instintividade’ divina renova-nos e torna-se chave da vida espiritual; é a dinâmica da *charitas* que nos habilita a ‘ver-discernir-agir’ nos lugares e nas tarefas apropriadas os problemas urgentes de hoje. A resposta como religiosos é, certamente, pessoal, mas organicamente realizada como corpo comunitário; como Congregação, somos chamados a dar soluções ‘*in solidum*’ (cf. Cst 63). Devemos estar conscientes de que as emergências de hoje jamais se hão de repetir tal como se apresentam, sobretudo já não existirão aqueles que hoje as sofrem (cf. Cst 35-39). O instinto espiritual torna-nos disponíveis diante destas visitas de Deus que transformam ‘o hoje de Deus’ em *kairós*, em tempo repleto de graça que salva. Este instinto espiritual é o único capaz de propor exigências à vida quotidiana e de nos relançar ao serviço do Reino de Deus na sua urgente realidade.

Este impulso confiante gera uma nova “lógica do coração», torna misericordioso o nosso agir, construtivo, na abertura de nós mesmos a quem tem falta de alguma coisa. O Padre Dehon oferece-nos como exemplo claro S. Vicente de Paulo, cuja “caridade foi verdadeiramente universal e o seu coração foi amplamente aberto a todas as obras de misericórdia” (Encontra-se no seu *Panégyrique de saint Vincent de Paul*: DIS 9050035/4). A experiência de ser amado

pelo Senhor faz nascer em nós o desejo de um serviço misericordioso à integralidade do ser humano (cf. Cst 50). Re-descobrimos as obras de misericórdia corporais e não esquecemos as obras de misericórdia espirituais, porque “somos chamados a servir Jesus crucificado, em cada pessoa marginalizada, a tocar a carne de Cristo em quem está excluído, tem fome, tem sede, é mudo, doente, desocupado, perseguido, refugiado. Aí encontramos o nosso Deus, aí tocamos o Senhor” (Francisco (2016): *Il nome di Dio è misericordia*, Milano: Piemme, 108).

3. Uma obra de misericórdia espiritual: sofrer com paciência as fraquezas do nosso próximo

Vamos à obra de misericórdia espiritual que diz: Sofrer com paciência as fraquezas do nosso próximo, ou no dizer do Fundador: “uma perfeita caridade para com o próximo para suportar os seus defeitos, e um grande amor a Jesus Cristo para carregar a sua cruz” (*Vues prophétiques diverses relatives à l’apostolat religieux dans les derniers temps de l’Église*: NTD 9130017/22). Perguntar-se-á por que razão revisitar, em primeiro lugar, esta obra? Responde o Padre Dehon: “A nossa missão na Igreja é muito bela, mas nós correspondemos muito debilmente. Nosso Senhor não fez maior obra de misericórdia do que suportar-nos” (Carta do P. Dehon ao futuro Padre Héberlé de 6.5.1912: B20/13, inv. 330.05). Incômodo é alguém que provoca sofrimento, cansaço e peso, que exige de nós ‘um trabalho suplementar’. Neste sentido pode ser incômodo um irmão de comunidade, um leigo que trabalha conosco em alguma das nossas obras. Incômodos podemos ser nós, mas também os pobres que nos importunam, como a viúva do Evangelho (cf. Lc, 14,13). Perante o efeito que as essas pessoas provocam em nós, sentimos um duplo desafio: aceitar as pessoas como são e, ao mesmo tempo compreender como somos nós por dentro. Sem excluir que temos de enfrentar outra realidade: podemos ser incômodos uns para os outros! Não é mau começar por aqui. O sofrimento, que pode ficar ao nível de incômodo, e por vezes pode tornar-se uma verdadeira cruz, tem diversas causas: temperamento, intrusão, falta de tato, prepotência...

O Padre Dehon especificava: “Que cruces são estas? Encontramo-las em todos os estados, no claustro e na família, onde quer que haja deveres

a cumprir, regulamentos de vida a observar, caracteres diferentes do nosso para suportar” (O original in ASC 3/308. O texto português O Ano com o Coração de Jesus encontra-se no site Dehondocs International). Para nós, esta obra de misericórdia realiza-se em primeiro lugar na nossa vida comunitária, cujo objetivo quotidiano é “formar um ambiente que favoreça o progresso espiritual de cada um” (Cst 64). Portanto, coloca-nos sempre no caminho do outro, da reciprocidade, na qual “a caridade deve ser uma esperança ativa daquilo que os outros podem vir a ser com a ajuda do nosso apoio fraterno” (Cst 64). A vida comunitária torna-se para nós escola de misericórdia em que a primeira tarefa é acolher “os outros como realmente são, com a sua personalidade e funções, com as suas iniciativas e limitações, e que nos deixemos pôr em questão pelos irmãos.” (Cst 66). E a primeira lição é esta: aprender sempre de novo a controlar os nossos sentimentos, que nos podem levar a revoltar-nos, a resmungar, a calar-nos ou, muito pelo contrário, a reagir com violência agressiva; mas eles também nos levam a suportar, na “base de um verdadeiro diálogo, no respeito mútuo, no amor fraterno, na solidariedade e na corresponsabilidade” (Cst 67). Na Sagrada Escritura, aquele que tudo suporta é Deus (cf. Num 14,27; Mt 17,17; Rom 9,22-23). Ao suportar-nos, Deus revela uma história de paciência, de perseverante fidelidade a um sopro de paixão, de amor que aceita sofrer esperando com magnanimidade a nossa conversão (cf. 2Pe 3,15). Jesus na sua entrega à morte, torna-Se modelo de resistência, de suportação, de aceitação da realidade. Perante Ele, temos que decidir se aceitamos que Deus é Deus e... confiar (eis a fé original!), ou fazer de nós valor e meta suprema (eis o pecado original!). A grandeza é que Deus vê para além do momento insuportável, vê o que podemos vir a ser em Cristo. Por isso n’O-lo entrega. Deus aceita “carregar o peso”, “suportar” a nossa ‘imperfeição’ (‘incompletude’) e inadequação carregando sobre Si os momentos em que escolhemos o pecado (o que desagrade a Deus), sabendo que é esse o caminho para restaurar os laços de verdade, de comunhão, de reino... Tudo se joga no terreno da fraternidade, mais ainda das relações sociais. Em Cristo encontramos a atitude do forte perante a adversidade e o sofrimento; Ele dá-nos a capacidade de sofrer com firmeza, resistindo ... A paciência de Cristo manifesta o amor de Deus e é dele sacramento: “O amor é paciente” (1Cor 13,4), “tudo suporta” (1Cor

13,7). A história do Padre Dehon está marcada pela ‘capacidade de suportação dehoniana’ feita de amor paciente (Sobre este aspeto veja-se a: Lettera a p. Dehon del 6.1.1920: B 18/6.9, inv. 211.00; Ledure Y., *Leone Dehon: un prete con la penna in mano*, Bologna, EDB, 192-195. Lettera del 6.12.1905: B 83/1, inv. 584.28; LCC 8090139/40 e NQT 19/114).

4. Com paciência e mansidão

“Se encontras alguma oposi o   tua volta, suporta-a com paciência e mansidão” (Lettera di p. Dehon a p. van Hommerich dal 14.3.1918 (B19/7a.23, inv. 266.25). A paciência de Deus   inten o de amor para com o homem. Por isso,   fruto do Espírito (Gal 5,22), que para nós constitui a arte de viver a ‘imperfei o’ (‘incompletude’) que encontramos nos outros, em nós mesmos, na realidade e no próprio Deus. A paciência não  , pois, fraqueza, nem cumplicidade com o mal cometido(cf. Jer 44,21-22), nem ausência de cólera, mas no máximo capacidade para domin -

A suporta o paciente   a virtude que não nos permite agir compulsivamente, mas que nos deixa a possibilidade de sermos capazes de edificar, de triunfar sobre a ferocidade humana. Por outro lado, a falta de paciência   a afirma o individualista de si mesmo contra o outro;   a destrui o da alteridade e da distância que permite a correta rela o com Deus e com os outros.

la. No entanto, a paciência de Deus em suportar-nos expõe-n’O ao risco de não ser levado a sério, de não ser útil (cf. Rom 2,4). Tudo isto   possível graças   lógica que vem da sua natureza: amor, amor também para com o inimigo, amor até ao dom da vida, amor que d  significado e aceitabilidade   suporta o. Estamos perante o triunfo, na quotidianidade do amor, sobre a fraqueza e a fragilidade. Um desafio para nós!

Tudo começa pela consciência de sermos suportados. Quando eu me mostro incômodo  -me mostrada uma minha limita o que, suportada,   amada: ser suportado que dizer ser amado! Portanto, a suporta o recíproca   manifesta o de caridade, com a finalidade de conservar a unidade e a paz nas nossas comunidades (Cst 8; cf.. Gal 6,2). A suporta o paciente   a virtude que não nos permite agir compulsivamente, mas que nos deixa a possibilidade de sermos capazes de edificar, de triunfar sobre a ferocidade humana. Por outro lado, a falta de paciência   a afirma o individualista de si mesmo contra o outro;   a destrui o da alteridade e da distância que permite a correta rela o com Deus e com os outros. Existe, com certeza, a ‘impaciência virtuosa’, a que nos leva a dizer ‘não’ perante o abuso, a violência, o abuso do poder, a explora o. Vivemos também a impaciência que recusa uma vida monopolizada por pessoas intrusivas, ciumentas, totalitárias, e a que nos coloca contra as perversões que constroem o inferno na terra. Imitando a Deus, carregando sobre nós o peso dos irmãos, não caímos nos mecanismos de provoca o, recusando responder ao mal com o mal; o inimigo   reconhecido apenas como diferente, mais ainda, como caminho de Deus (Cf. Ef 4,1-3; Col 3,12-13).

Sofrer com paciência as fraquezas do nosso próximo (as pessoas inc modas),   a obra de misericórdia que, enquanto virtude ativa e fecunda emanada da *charitas* de Deus, nos faz captar o amor para com o inimigo, realiza uma abertura de futuro para o outro, confirma a confiança nele, luta juntamente com ele, por ele e não contra ele. Suportar livremente, pacientemente, com caridade o próximo nas suas contradi es e aspetos negativos, coloca-nos da parte de Deus.   esta a primeira marca do Deus da misericórdia em nós.

A toda a Família Dehoniana desejamos uma alegre memória do nascimento do Padre Leão Dehon.
In Corde Jesu

P. Heinrich Wilmer, scj
Superior Geral e seu Conselho

CINQUENTENÁRIO DA CRIAÇÃO DA PROVÍNCIA PORTUGUESA DOS SACERDOTES DO CORAÇÃO DE JESUS - DEHONIANOS

1. Breve síntese histórica

Ao celebrar o cinquentenário da criação da Província, recordamos os primeiros 20 anos da presença dehoniana em Portugal (1946-1966).

Os pioneiros da Província, o P. Ângelo Colombo e o P. Gastão Canova, chegaram a Portugal em finais de 1946. O governo português de então tinha autorizado a entrada de missionários dehonianos italianos em Moçambique, mas exigira a abertura de um seminário em Portugal para a formação de missionários portugueses, que os pudessem substituir logo que possível. Por sugestão do arcebispo de Lourenço Marques (hoje Maputo), D. Teodósio Clemente de Gouveia, os padres foram para a ilha da Madeira onde o prelado dizia haver muitas vocações.

Em Outubro de 1947, os corajosos e decididos padres abriram o Colégio Missionário do Coração de Jesus, no Funchal, que foi o berço da Província Portuguesa dos SCJ-Dehonianos. Em 1951, foi iniciada a presença dehoniana na igreja do Loreto, em Lisboa. Para além do importante ministério da Penitência que nela se começou a exercer, a Igreja do Loreto tornou um ponto lugar de apoio para quem viajava entre a Madeira e o Continente, a Itália e Moçambique. No ano seguinte, 1952, foi aberta a comunidade de Coimbra, onde os alunos que terminavam os estudos preparatórios podiam estudar Filosofia e Teologia, frequentando o Seminário Maior. Mais tarde, tornou-se o seminário médio da Província, frequentada pelos alunos do ciclo complementar. Em 1953, foi aberto o seminário menor do Continente, em Aveiro. Lá funcionou até à abertura do Seminário Padre Dehon, na Boavista, Porto. Em 1954, os dehonianos assumiram, ainda na cidade do Mondego, o Colégio Luís de Camões, onde permaneceria durante 8 anos. Esse colégio, com a colaboração dos nossos padres no Seminário Maior e na igreja de Santa Cruz, tornou-nos conhecidos e estimados na cidade. Em 1957 começou, no Funchal, o Colégio Infante, inicialmente com internato, especialmente para o filios dos emigrantes. Em 1958, começou a funcionar, na zona da Boavista, no Porto, o Seminário Padre Dehon, mais tarde



transferido para o local onde agora se encontra. Em 1959, o noviciado começou a funcionar na Casa do Coração de Jesus, em Aveiro, donde fora transferido para o Porto o seminário menor do continente. Até essa data, os candidatos portugueses faziam o noviciado em Albisola Superiore, em Itália. Em 1960, foi fundado um novo seminário menor no continente, desta vez em Loures, onde o P. Miguel Corradini também assumiu algumas paróquias. Em 1963, foi aberto em Ermesinde o Seminário Nossa Senhora de Fátima, transferido em 1967 para Alfragide e transformado em Seminário Maior da Província. Entretanto, a 27 de Dezembro de 1966, foi criada a Província Portuguesa dos SCJ-Dehonianos, sendo nomeado como primeiro Superior Provincial o P. António Colombi, que fora o primeiro mestre de noviços dehoniano e Portugal e Superior Regional. É essa a efeméride de que celebramos o cinquentenário. As celebrações começaram no dia 27 de Dezembro de 2015, no Seminário Padre Dehon, terão outro momento alto no dia

1 de Julho, no Colégio Missionário do Coração de Jesus, berço da Congregação em Portugal, e serão encerradas no Seminário Nossa Senhora de Fátima, em Alfragide, no dia 27 de Dezembro do corrente ano de 2016.

Muitas outras coisas aconteceram desde a criação da Província até hoje. Oportunamente serão dadas outras notícias. Desde já fica o convite a toda a Família Dehoniana para que participe na Peregrinação Dehoniana a Fátima, no dia 5 de Junho próximo, onde celebraremos juntos o Cinquentenário da criação da Província Portuguesa dos SCJ-Dehonianos.

2. O Padre Ângelo Colombo, Fundador da Província Portuguesa

Nasceu a 25 de Janeiro de 1913, em Conaredo (Milão), Itália. Fez a sua profissão religiosa na Congregação a 29 de Setembro de 1931. Foi ordenado presbítero a 1 de Julho de 1939. Em 1946 obteve o Doutoramento em História da Igreja com uma tese sobre “O nascimento da Igreja Copto-Católica”, pois estava destinado a fundar a Congregação no Egipto. Mas o homem põe e Deus dispõe. Assim, a 29 de Dezembro de 1946, chegava a Lisboa, com destino à Ilha da Madeira para fundar um seminário que viesse a dar missionários para Moçambique. Acompanhava-o o Pe. Gastão Canova. Depois de uma greve passagem pela “Escola de Artes e Ofícios” do Pe. Laurindo, abriram o Colégio Missionário do Sagrado Coração, a 17 de Outubro de 1947. O

Pe. Colombo foi o primeiro Superior da nova fundação. A 15 de Julho de 1951 foi nomeado Superior Provincial da Itália, permanecendo no cargo até 15 de Julho de 1954. Regressou a Portugal, desempenhando o cargo de Superior e Ecónomo Regional durante o ano de 1954. Em Julho de 1955 assumiu o cargo de Superior da Casa do Sagrado Coração de Jesus, em Aveiro. De 1958 a 1961 foi também Superior do novo seminário da Rua Azevedo Coutinho (à Boavista), Porto. De Julho de 1961 até 1965, foi Superior do Colégio Missionário. A 15 de Julho de 1966, tornou-se Superior do Seminário Nossa Senhora de Fátima, em Ermesinde. Quando foi criada a Província Portuguesa, a 27 de Dezembro de 1966, integrou o primeiro Conselho Provincial. A 1 de Agosto de 1965, assumiu o cargo de Superior do Seminário Pe. Dehon (Portelinha). Em 1971, foi-lhe confiada a pastoral vocacional. De 1977 a 1980 foi Superior e Ecónomo do Colégio Infante. De 1983 a 1995, trabalhou no Centro Dehoniano, no Porto.

O Pe. Colombo era um homem de fé viva, de oração intensa e contínua, de uma relação profunda com o Coração de Jesus; era visível o seu forte espírito de sacrifício e de doação, o seu ardente zelo apostólico, o seu genuíno espírito missionário. Como escreveu um seu antigo aluno, “o Pe. Colombo foi e é um precioso dom do Coração de Jesus e da Congregação à Província Portuguesa... Foi, é e será, para cada um de nós e para os vindouros, um ponto de referência altamente inspirador e estimulante” (Cf. Unâimes, 1995/4, pág. 102 a 105).

Lembrando o Pe. Colombo, recordamos alguns pensamentos do Padre Dehon

“É esta a finalidade da nossa vocação: o espírito de amor e de reparação ao Coração de Jesus, que é a graça do tempo presente e do futuro... Os nossos religiosos oferecer-se-ão ao Coração de Jesus como vítimas do seu beneplácito em espírito de reparação e de amor, que é a sua característica peculiar em união com Maria, com os Anjos e com os Santos”... É preciso que o culto do Sagrado Coração de Jesus, iniciado na vida mística das almas, desça e penetre na vida social dos povos. Ele há-de trazer o remédio eficaz para as doenças cruéis do nosso mundo moral” (DSP 2).